

Parte I - Intelectuais e identidade cultural

Intelectuais, hispanismo e a reformulação da identidade nacional argentina

José Luis Bendicho Beired

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BEIRED, JLB., and BARBOSA, CAS., orgs. *Política e identidade cultural na América Latina* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 256 p. ISBN 978-85-7983-121-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

2

INTELECTUAIS, HISPANISMO E A REFORMULAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL ARGENTINA

*José Luis Bendicho Beired*¹

O problema da identidade nacional constituiu um tópico central do debate intelectual argentino entre fins do século XIX e as primeiras décadas do novo século. Embora a federalização da cidade de Buenos Aires, em 1880, tenha significado o marco definitivo da consolidação política do Estado Nacional, o mesmo não podia ser afirmado em relação à construção da nacionalidade, entendida aqui como singularidade cultural do povo argentino. Naquele ano haviam ingressado no país em torno de cinquenta mil imigrantes, cifra que rapidamente cresceu nos anos seguintes, tornando a Argentina o país de maior proporção no mundo de população estrangeira em relação aos habitantes nacionais.

Os perigos da imigração em massa foram exaustivamente discutidos na imprensa e no mundo político, com ampla participação de intelectuais, dando origem a um elenco de respostas que se traduziram em iniciativas estatais e da sociedade civil com vistas a

1 Doutor em História e professor da UNESP – Assis, é autor de *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Loyola, 1999, *Breve história da Argentina*. São Paulo: Ática, 1996; e *Movimento operário argentino. Das origens ao peronismo (1890-1946)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

afirmar não só o conceito de identidade argentina, mas também a promover a nacionalização dos novos contingentes imigratórios. Naquele ambiente de debate sobre nacionalidade, produziu-se uma surpreendente mudança de posição em relação à herança espanhola na Argentina e sobre as relações que deveriam ser estabelecidas entre ambas as nações. Parte de um processo de circulação de ideias que conectou os dois lados do Atlântico, essa redefinição repercutiu sobre as representações das identidades nacionais, mobilizando defensores e críticos da tradição hispânica. Se o anti-hispanismo havia sido hegemônico entre as elites políticas e intelectuais liberais vitoriosas contra os caudilhos federalistas, em direção ao final do século XIX delineou-se uma forte corrente de opinião pautada por uma visão positiva do legado espanhol, a qual repercutiu nas posições do Estado e da sociedade argentina. Como procuraremos discutir a seguir, essa guinada implicou na vinculação da nacionalidade argentina à civilização hispânica. Nas páginas seguintes, examinaremos primeiramente os elementos que explicam o surgimento da tendência de revalorização da herança espanhola, para em seguida examinar o papel desempenhado por certos intelectuais na defesa da Espanha e na reformulação da identidade nacional. Embora muitos personagens tenham participado desse processo, concentraremos a atenção sobre quatro dos mais relevantes: Joaquín V. González, Estanislao Zeballos, Manuel Gálvez e Ricardo Rojas.

Do repúdio à confraternização com a “mãe Espanha”

O repúdio à herança espanhola foi uma consequência lógica das tensões políticas geradas pelo movimento de independência, que tornaram o anti-hispanismo dominante na região do Rio da Prata durante a maior parte do século XIX. O anti-hispanismo foi sustentado principalmente pelos personagens vinculados ao campo ideológico liberal, os quais associavam a Espanha ao absolutismo monárquico, à falta de liberdade, à intolerância da Inquisição e ao

parasitismo econômico. Domingo Faustino Sarmiento, Juan Baustista Alberdi e Juan Maria Gutierrez foram, entre outros, expoentes da crítica à Espanha. Em sua viagem à Espanha, em 1849, Sarmiento extraiu as piores impressões possíveis sobre a decadência e o atraso em relação ao restante da Europa. Antes, no *Facundo*, já formulara a proposta de substituir a imigração espanhola por outras até que Buenos Aires ficasse totalmente desespanholizada. Na mesma linha, Alberdi negava toda possibilidade de progresso aos povos americanos que não substituíssem sua população por imigrantes da Europa Centro-Occidental, de modo que os saxões substituíssem os “espanhóis debilitados pela servidão colonial”. No âmbito cultural, o repúdio à Espanha levou o escritor Juan Maria Gutierrez a recusar a indicação como membro correspondente da *Real Academia de la Lengua*, afirmando ser “perigoso para um sul-americano” a aceitação do título, pois implicava a submissão de um homem livre à sua autoridade, além de considerar a Espanha de então carente de inteligência e progresso. O presidente Bartolomé Mitre foi outro que também refletiu sobre a Espanha, embora de forma ambivalente, pois, se por um lado admitia a herança cultural deixada durante o período colonial, criticava diversos aspectos da colonização espanhola, por ele considerada inferior à inglesa na América do Norte, além de condenar o absolutismo e a falta de liberdade econômica: “*La madre patria no era ni podia ser para los americanos ni una patria ni una madre: era una madrastra*” (Mitre, 1994, p.69). Como contrapartida a essa visão negativa, o futuro da Argentina passava pelo repúdio e o abandono de tudo que fosse espanhol, ao lado da preferência pelo modelo político norte-americano, pela cultura francesa e pelas relações econômicas com a Inglaterra.

Em contraste com a corrente anti-hispanista, certos intelectuais passaram a considerar a herança espanhola como parte integrante da nacionalidade. Segundo Nicolas Shumway (1992, p.310), em contraponto à corrente anterior, formou-se outra, defensora das mesclas culturais e orgulhosa da tradição hispânica. Enumera como seus expoentes as figuras de José Hernandez, autor do famoso *Martin Fierro*, Olegario Andrade e Carlos Guido y Spano. Essa

nova forma de encarar os vínculos entre a identidade argentina e a herança colonial teve como resultado, entre outros, a formação da corrente *criollista*, a qual teve enorme sucesso de público ao valorizar as mesclas culturais do passado rio-platense por meio de obras literárias, teatrais, musicais e pela pintura.

O desenvolvimento dessas perspectivas polêmicas fazia parte da história das relações culturais e políticas entre a Espanha e a América Latina, isto é, inscrevia-se em um âmbito mais amplo, sem o qual é impossível compreender não apenas as polêmicas em questão, mas também seus desdobramentos. Desde a década de 1830, há evidências dos esforços empreendidos por intelectuais dos dois lados do Atlântico no sentido de estreitar as relações entre as jovens nações e a antiga metrópole. Tais ações materializaram-se na formação do *pan-hispanismo*, movimento votado à criação de uma comunidade internacional de países hispânicos. A partir de meados do século XIX diversas publicações empenharam-se nesse sentido, a exemplo da *Revista Española de Ambos Mundos* (1853-1855), a revista *La América, Crónica Hispano-Americana* (1857-1886) e *La Ilustración Española y Americana* (1869-1921). A emergência do conceito de “raça espanhola” na década de 1840, portanto anteriormente ao aparecimento das ideias racistas do Conde Joseph Arthur Gobineau, ocorreu pela mão de políticos, escritores e jornalistas empenhados na reconciliação entre a Espanha e suas ex-colônias.

Os conflitos dos Estados Unidos com o México e a política do Destino Manifesto vieram reforçar a tese da particularidade das raças, como exemplificam os artigos do dominicano Francisco Muñoz del Monte, nos quais sustentava que dois grandes grupos rivalizavam entre si no continente americano: a raça latina e as raças anglo-germânicas. Por sua vez, o colombiano José María Samper, contrário à tese das raças, argumentava que o verdadeiro conflito era entre civilizações, antecipando, dessa forma, os argumentos do *Ariel* de Rodó: de um lado encontrava-se a hispano-americana, representando a justiça e a moralidade, e de outro, os Estados Unidos, encarnando a força bruta e a barbárie. Formou-se, pois, um ambiente que estimulou o desenvolvimento de projetos de con-

federação política e de aliança militar entre a Espanha e os países latino-americanos entre os anos de 1850 e 1860. Concebidos por jornalistas, escritores e diplomatas da Espanha e da América, tais projetos, no entanto, foram vetados pelos governos espanhóis e não chegaram a empolgar seus congêneres americanos, de tal modo que o único campo livre para tais experimentos foi o das relações culturais e intelectuais.

No caso da Argentina, uma conjunção de fatores concorreu para a reaproximação com a Espanha. Um papel relevante foi desempenhado por espanhóis que, perseguidos na península após a queda da efêmera Primeira República (1873-1874), buscaram exílio na Argentina. Tal corrente imigratória, integrada por profissionais, jornalistas, escritores e artistas, impulsionou uma série de atividades artísticas e editoriais que ampliaram o prestígio da cultura e da coletividade espanhola na sociedade argentina. Um papel importante também coube à presença do maior contingente imigratório espanhol das Américas e à influência dessa coletividade exercida por meio de suas numerosas associações, de uma imprensa com dezenas de jornais e inclusive por meio de uma burguesia detentora de importantes empresas. Por fim, o empenho da coletividade espanhola no estreitamento de relações entre o seu país de origem e a Argentina conjugou-se a toda uma operação desenvolvida a partir da Espanha para a reaproximação com a América Latina. Uma dessas iniciativas foi a criação da *Unión Ibero-Americana*, no ano de 1885, por um grupo de intelectuais, políticos e empresários espanhóis. Declarada de utilidade pública pelo Estado espanhol, constituiu nos cinquenta anos seguintes um dos mais importantes instrumentos para a conquista daquele objetivo.

Em 1892, as comemorações do IV Centenário do descobrimento da América, realizadas na Espanha sob o patrocínio governamental, destacou-se como outro empreendimento do final de século concebido na mesma direção, ao qual acudiram representantes de todos os países latino-americanos. Uma das mais importantes partes da programação foi a realização de congressos que versaram sobre os temas mais variados do campo das Ciências, das Artes e da Lite-

ratura em relação aos problemas jurídicos e militares. Buscava-se, dessa forma, impulsionar a aproximação tanto por meio do debate de temas científicos e culturais quanto mediante medidas práticas.

Entretanto, a defesa do estreitamento de laços entre a América e a Espanha não encontrou suficiente repercussão na Argentina e no restante da América Latina até que um fato político criasse as condições para tanto. O ano de 1898 foi decisivo. O ingresso dos Estados Unidos na Guerra de Independência de Cuba teve uma peculiar leitura no ambiente latino-americano, segundo a qual a Espanha, de agressora, passou ao papel de vítima e acabou por galvanizar a simpatia dos governos e da opinião pública latino-americana.

Como assinala o historiador Antonio Niño (1987, p.203), embora 1898 tenha sido um desastre traumatizante para a Espanha, acabou por render frutos ao permitir a eliminação do principal obstáculo que se antepunha à reconciliação com as antigas colônias. Os adversários de ontem tornaram-se os novos aliados e ganhou corpo a divisa do “patriotismo de raça” sustentada pelos pan-hispanistas. Em seguida à intervenção norte-americana na guerra, a coletividade espanhola de Buenos Aires promoveu uma manifestação no teatro Vitória em apoio à Espanha e contra os Estados Unidos que contou com a participação de inúmeras autoridades e personalidades argentinas. Na ocasião, Roque Saénz Peña (206, p.111-22), então ministro de Relações Exteriores, proferiu um discurso intitulado “*Por España*”, no qual repudiava a ação norte-americana, vendo-a como um perigo para os países latino-americanos ao mesmo tempo em que solidarizava-se com a Espanha e declarava sua esperança na vitória desse país. A manifestação de Saénz Peña não era fortuita. Como membro da delegação argentina na Conferência de Washington de 1889, fez veementes críticas ao expansionismo dos Estados Unidos e defendeu a autonomia dos países hispano-americanos em nome de uma identidade comum derivada da filiação à “mãe Espanha”.

Depois da derrota em Cuba, uma série de iniciativas contribuiu para aproximar a Argentina e a Espanha, tanto no âmbito cultural quanto diplomático. Em 1900, o governo argentino ordenou que

apenas uma parte do Hino Nacional fosse cantada nas escolas e nos atos oficiais, com vistas a suprimir uma estrofe considerada ofensiva à Espanha.² Em 1909, a passagem do historiador espanhol Rafael Altamira pela Universidade de La Plata abriu um novo ciclo para as relações científicas e culturais entre os dois países, ensejando a criação de cátedras e o intercâmbio de professores. Por sua vez, as comemorações do Centenário da Independência, em 1910, foram as maiores do início do século e contaram com grandes preparativos que incluíram a visita da infanta Isabel em representação do rei da Espanha, Alfonso XIII. A celebração foi apresentada pelas autoridades e amplamente divulgada pela imprensa como a consagração de uma irmandade que enterrava antipatias e desentendimentos passados. Em seguida, em 1914, foi criada uma entidade que desempenhou inúmeras atividades nas décadas posteriores, a Instituição Cultural Espanhola de Buenos Aires, por iniciativa da coletividade de imigrantes, e que, entre outras iniciativas, destacou-se por manter uma cátedra de professores universitários espanhóis que possibilitou a estadia na Argentina de alguns dos mais renomados nomes do mundo científico e cultural da época. Finalmente, em 1917 o presidente Hipólito Yrigoyen decretava a criação do Dia da Raça, transformando o 12 de outubro em feriado para a comemoração do descobrimento da América e da fraternidade hispano-argentina.

A inflexão da imagem da Espanha na Argentina não teria sido possível sem o concurso de seus homens de letras, em vista de sua influência nos diversos âmbitos culturais, políticos e diplomáticos. Algumas das figuras representativas da retomada da imagem da Espanha na Argentina foram: Joaquín V. González, Estanislao Zeballos, Manuel Gálvez, Ricardo Rojas, Enrique Larreta, Arturo Capdevilla, Ricardo Levene, Ernesto Quesada, Francisco V. Silva, José León Suárez, Calixto Oyuela, além de uma série de figuras que

2 A estrofe era “a sus plantas rendido um león”, sendo que tais patas eram as da Argentina e o leão representava a Espanha.

a partir do final da década de 1920 integraram a direita nacionalista argentina, sobre as quais não vamos nos debruçar nesta reflexão.

O hispanismo de quatro personagens

Joaquín V. González foi uma figura que transitou em diversos âmbitos do Estado, da universidade e do jornalismo. Iniciando a carreira política como deputado federal, desempenhou várias funções no campo educacional e ministerial. Integrou o grupo que instalou a Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires e fundou a Universidade de La Plata, em 1905, a qual viria a ser o principal laboratório das inovações no campo universitário. Entre outros ministérios, foi titular da pasta do Interior e foi designado membro do tribunal de Haya. Em suma, foi uma figura que sustentou posições hispanistas no âmbito da alta política argentina.

Em vista de suas fortes relações com a comunidade espanhola de Buenos Aires e de suas atividades em prol da aproximação entre a Espanha e a Argentina, González recebeu o título de presidente honorário da Associação Patriótica Espanhola em Buenos Aires. Entidade fundada em 1896, para apoiar a Espanha durante a Guerra com Cuba, tornou-se a principal agrupação da comunidade espanhola argentina, ao lado do Clube Espanhol de Buenos Aires.

As posições hispanistas de Joaquín V. González (1934) encontram-se sintetizadas no discurso que proferiu na inauguração da nova sede da associação, em 1916, quando declarou “possuir sangue espanhol e sentir como espanhol”. Sob o título de *“La España nueva”*, o discurso exaltava as origens heroicas da fundação de Buenos Aires, o sacrifício investido na colonização e o orgulho das nações americanas em relação à herança dos ancestrais espanhóis. A nova Espanha era aquela que os americanos viam ressurgir das cinzas de 1898 graças aos homens de espírito superior que conduziam a regeneração do país nos vários campos da atividade humana. Por meio de um recurso metafórico utilizado à exaustão por toda a literatura hispano-americanista, os americanos são colocados como

os filhos que sofrem com as desventuras da mãe diante das adversidades: *“Los americanos la observamos atentos y conmovidos en su afanosa labor, como si de nuestra común salud se tratase: celosos de nuestro abolengo cien veces nobiliário, esperamos ansiosos el dia de la definitiva rehabilitación de la madre veneranda”* (idem, p.166). Essa atitude solidária era o resultado de uma reconciliação cuja apresentação carecia ser inventada e disseminada junto à sociedade por meio da metáfora do filho que ao crescer necessita questionar a autoridade dos progenitores para reconciliar-se na fase madura: *“Afirmadas las nacionalidades surgidas de su seno inagotable, el amor comienza a sustituir a los antiguos resabios guerreros”* (idem, p.169).

Defensor do pan-hispanismo enquanto movimento que visava conservar e fortalecer os elementos que formavam o espírito comum da raça hispânica, González considerava fundamental o papel da imigração espanhola, pois seu predomínio sobre os sangue exóticos contribuiria para a preservação da essência primitiva da raça entre os argentinos. A participação no tronco civilizatório hispânico conferia ademais um lugar de proeminência à Argentina no contexto internacional, vinculando-a às grandes civilizações do passado europeu. Assim, considerava que a ascendência racial dos argentinos constituía um tesouro segundo o qual eles não podiam ser considerados recém-chegados ao cenário da civilização e da história, uma vez que ostentavam uma linhagem genealógica ibero-celta-latino-helênica. A partir de tais argumentos, é possível compreender por que no discurso realizado ante a Associação Patriótica Espanhola González sustentava a superioridade da coletividade espanhola em relação às demais residentes na Argentina e a preferência que a Espanha deveria ocupar em relação a outras nações. Não menos significativo era como suas posições reforçaram o mito da Argentina branca e europeia. Embora reconhecesse a presença do negro e do índio na formação da nação argentina, considerava que o sangue branco tinha se sobreposto a ambos os grupos, permitindo definir a Argentina como nação biologicamente branca e culturalmente europeia. Esses caracteres biológicos e culturais apenas podiam oferecer os melhores presságios sobre o futuro da Argentina.

Estanislao Zeballos (1854-1923) foi uma influente figura, cuja trajetória contribuiu para a promoção do hispano-americanismo tanto no campo político quanto intelectual. Importante estanciero que chegou a presidente da Sociedade Rural Argentina, Zeballos conseguiu como poucos aliar uma febril atividade política ao trabalho intelectual. Deputado nacional na década de 1870, dirigiu o Ministério de Relações Exteriores por três vezes e representou a Argentina nos Estados Unidos como embaixador, além de participar das conferências pan-americanas. Ao lado disso, atuou como jornalista, fundando e dirigindo a *Revista de Derecho, Historia y Letras*, que em seus 76 volumes publicados entre 1898 e 1923, sintetizou os debates da alta cultura argentina. Comungava o entusiasmo de outros intelectuais e homens públicos em relação à aproximação da Espanha com a Argentina, embora com um viés mais pragmático e material.

Em um artigo a propósito das comemorações do Centenário da Independência, assinalava que a “lei do coração” permitira o encontro do Gorro Frigio com a Real Coroa, mas considerava necessário deixar de lado o antiquado reino dos afetos para dirigir-se à realidade da vida, à matéria vil, disfarçada de política, que inspira as potências, move seus regimentos, dirige seus navios e acende seus canhões. Exortava o abandono dos floreios retóricos isolados dos fatos concretos, assim como os debates estéreis sobre as raças, para afirmar que o problema central do hispano-americanismo era econômico. O seu programa, convergente com as propostas da burguesia espanhola e dos liberais hispano-americanistas, apontava para a construção de um mercado internacional no qual a Espanha desempenharia o papel de polo dinâmico como produtor de manufaturas e serviços financeiros a serem consumidos pelos países da América espanhola e portuguesa. O crescimento do mercado hispano-americano contribuiria para que a economia espanhola rivalizasse com a de outros países industriais e para o ressurgimento da Espanha como potência militar. Conclamava por fim que as câmaras de comércio espanholas se pusessem a estudar os mercados americanos, que medidas fossem tomadas para a maior difusão do

livro espanhol e que a imigração espanhola fosse estimulada para vincular mais estreitamente Espanha e Argentina.

A questão da imigração tinha um lugar central nas preocupações de Zeballos, que muitos anos antes já havia apontado seus problemas e a necessidade de neutralizá-los. Na condição de deputado, debateu a imigração em 1887, afirmando que era uma das questões mais graves da república argentina. Ao mesmo tempo em que reconhecia sua necessidade, apontava para os riscos que os estrangeiros representavam, pois estavam levando à perda do sentimento de nacionalidade. Cobrava do Congresso medidas para sua assimilação dos imigrantes à nação mediante a neutralização de práticas que os mantinham vinculados aos seus países de origem, a exemplo dos jornais, das escolas com ensino em língua estrangeira, das festividades, dos símbolos e do registro civil dos recém-nascidos nos consulados estrangeiros (Bertoni, 2001, p.38-39). Sua posição no Congresso ajuda, portanto, a explicar a preferência pela imigração espanhola, pois dessa forma, não só o idioma praticado na Argentina seria preservado automaticamente, mas principalmente representava-se um retorno às origens ao fortalecer a linhagem hispânica da sociedade argentina quando as tradições nacionais encontravam-se ameaçadas pelo que então se nomeava como o “aluvião imigratório”.

A imigração constituiu uma das questões que mobilizou outros intelectuais argentinos em direção à aproximação com a Espanha. Como é notório em Joaquín V. González, outras figuras da época, tais como os escritores Manuel Gálvez e Ricardo Rojas, também se mostraram inquietos frente à cosmopolitização da Argentina e a conseqüente perda das raízes hispânicas da identidade nacional. Após viajarem pela Espanha, ambos desenvolveram um conjunto de ideias expressas em livros e artigos e propostas de ação para a restauração da identidade nacional.

Em suas viagens à Espanha, realizadas em 1906 e 1910, Gálvez colheu elementos de inspiração para a redação de *El solar de la raza* (1913), *El diário de Gabriel Quiroga* (1910) e *Hombres de España*. Por meio de *El solar de la raza*, Gálvez pretendia revelar aos argentinos a alma espanhola para que eles, conscientes de suas origens,

pudessem refletir sobre seu futuro, sobretudo em função do quadro sombrio estabelecido pelo autor sobre o presente. Para ele, a Argentina havia se transformado em uma sociedade marcada pelo materialismo em razão do afluxo de imigrantes, os quais, ignorantes dos ideais patrióticos nacionais, estariam apenas preocupados com a busca de riquezas. Tomando como exemplo a missão empreendida pelos intelectuais espanhóis regeneracionistas – Angel Ganivet, Macías Picavea, Joaquín Costa, Miguel de Unamuno, entre outros –, apresentava um programa de regeneração para a Argentina centrado no estímulo do amor à pátria. Tratava-se de uma obra de evangelização a ser realizada pelos escritores, e especialmente pelos jovens, por meio dos livros, dos diários, das cátedras, entre outros instrumentos que podiam culminar até na realização de uma guerra com o Brasil para a promoção do nacionalismo:

Tenemos que predicar maniáticamente el amor a la patria, a nuestros paisajes, a nuestros escritores, a nuestros grandes hombres; desentrañar el espiritualismo y la originalidad de nuestro pasado, y enseñar como estas cualidades de la patria vieja y pobre pude salvar, sin menoscabarla en su grandeza material, a la actual patria viviente. (Gálvez, 1943, p.15)

Gálvez possuía uma visão nacionalista que incluía firmemente a tradição espanhola, pois considerava-a central na definição do ser argentino.

Y es que nosotros, a pesar de las apariencias, somos en el fondo españoles. Constituimos una forma especial de españoles, como ellos constituyen todavía, no obstante haber desaparecido el Imperio Romano, una forma especial de latinos. Dentro de la vasta alma española, cabe el alma argentina con tanta razón como el alma castellana o el alma andaluza. Somos españoles porque hablamos el idioma español, como los españoles eran latinos por que hablaban el latin. (idem, p.17)

Sua fé na “admirável raça latina” e, em especial, na “estirpe espanhola” dos argentinos fazia-o acreditar que da geografia moral

da Espanha deveriam ser tomados os ensinamentos e as imagens espiritualistas a serem transmitidas ao povo para afirmar o caráter americano e argentino. Menos que um ponto de chegada, essa infusão de elementos da tradição hispânica constituiria um ponto de partida que, como uma semente, germinaria e se desenvolveria de maneira original dentro das condições argentinas (idem, p.18). Como herdeira da tradição latina, a Argentina deveria agradecer à decadência da Espanha, da França e da Itália por legarem as virtudes da raça latina por intermédio de seus imigrantes, mas cabia-lhe preparar-se para o desafio de criar um belo e harmonioso tipo de civilização que não fosse puramente material. Destinada a ser mais do que o celeiro do mundo, a Argentina deveria desenvolver-se mediante o impulso de uma energia secreta que, diferentemente daquela bárbara e automática, que fervia sem cessar nos Estados Unidos, constituiria uma energia harmoniosa, elegante e inteligente a serviço de um ideal (idem, p.27).

Por sua vez, Ricardo Rojas (1882-1957) destaca-se pela forma como articulou o problema da retomada da tradição espanhola ao desenvolvimento de um programa educativo cuja função central seria dotar os estudantes argentinos de espírito nacional. Além disso, ocupou importantes postos na universidade, como professor da cátedra de História da Literatura Argentina na Universidade de Buenos Aires (1913), tornando-se a principal referência acadêmica nessa área quando venceu o concurso nacional de literatura com seu livro *História de la Literatura Argentina*. Em 1908 viajou à Europa a mando do governo argentino para estudar o sistema de ensino de História nas escolas do continente, e como resultado apresentou um relatório publicado sob a forma de livro, em 1909, com o título de *Restauración nacionalista*. Em que pese a falta de interesse do governo da época, o livro foi saudado por renomados espanhóis, tais como Miguel de Unamuno e Ramiro de Maeztu, cujos artigos na imprensa portenha contribuíram para despertar o público para sua relevância, e acabou consagrado como um referência da política educacional das décadas seguintes.

O diagnóstico de Rojas convergia com o de outras figuras da época quanto aos efeitos negativos da imigração para a manutenção da identidade nacional:

Para cohesionarnos de nuevo, para conservar el fuerte espíritu nativo que nos condujo a la independencia, no nos queda outro camino que el de la educación. Las humanidades modernas que enseñan la tierra, el idioma, la tradición y la conducta del hombre dentro de la nación, ofrecen instrumentos de esa reforma. (Rojas, 1971, p.89)

E uma frase tomada de *Conflictos y armonías de las razas*, de Sarmiento, sintetizava suas preocupações: “*Argentinos? Hasta dónde y desde cuándo; bueno es darse cuenta de ello*”. As multidões de trabalhadores estrangeiros, embora laboriosas, sem possuírem uma ligação afetiva com a Argentina e nem ao menos entre si, formavam uma comunidade sem consciência do território, dos ideais de solidariedade histórica, de devoção pelos interesses coletivos e pela obra dos escritores. Sob a clara inspiração de Ernest Renan, não formavam uma coletividade que, amparada por uma memória do passado, fosse capaz de estabelecer seu futuro como nação, pois esta se fundava “*en la comunidad de tradición, lengua y destino sobre um território comum*” (idem, p.236). Embora a pesquisa de Rojas fosse sobre o ensino de História, o resultado de suas reflexões foi muito mais amplo, pois essa disciplina possuía uma dimensão cívica a partir da qual as outras disciplinas de humanidades seriam organizadas com o fim de promover a “*formação de uma consciência argentina mais homogênea*” (idem, p.145).

A revalorização da tradição espanhola subjacente ao programa desse livro recebeu maior tratamento em outras obras: *Blasón de plata* (1910), *Eurindia* (1924) e *Retablo español* (1938). *Blasón de plata* foi publicado em partes no diário *La Nación* como oferenda à pátria para as comemorações do Centenário da Independência. Narra em tom de epopeia a trajetória da história argentina até o século XIX, quando os argentinos, ao tomarem consciência de si mesmos, passaram a padecer de um duplo erro sobre suas origens:

pelo que tinham de americanos, acreditaram ser necessário o anti-hispanismo, e pelo que tinham de espanhol, abraçaram o anti-indigenismo. Em sua opinião, tais equívocos eram o resultado de uma deformação do passado gerada pelas paixões políticas, que mostravam a falta de maturidade da consciência nacional. Como resposta, Rojas propunha a busca do equilíbrio de todas as forças geradoras do passado colonial, sintetizadas na miscigenação cultural entre índios e espanhóis. Essa fusão deveria constituir o referente para que dali em diante os imigrantes, e sobretudo seus descendentes, fossem nacionalizados culturalmente por meio da escola de acordo com a tradição argentina (idem, 1986, p.103-5).

Em *Retablo español*, Rojas apresenta o relato das impressões de sua estadia na Espanha, em 1908. A publicação dos materiais apenas em 1938, em meio à Guerra Civil Espanhola, expressava sua angústia com os destinos de um país pelo qual nutria um profundo afeto e que considerava necessário compreender: “*Estas páginas mias nacen de um viejo amor, hoy dolorido. (...) No es fácil entender a España. No la entendió Napoleón, y pagó caro su extravío. Los americanos necesitamos entenderla, porque su historia es parte de la nuestra*” (idem, 1938, p.9). No livro, comenta seus encontros com expoentes da cultura espanhola e reflete sobre as cidades, os festejos, os tipos populares, a literatura, o teatro, a língua, o regionalismo, a arquitetura, buscando relações que permitissem compreender a Argentina. Em quase todas as crônicas que compõem o livro o tom é de espanto e admiração com as realizações da Espanha, assim como de profunda empatia para com as personalidades e os homens do povo que ali conhecera. Sua preocupação era tanto conhecer a Espanha profunda na qual deitava parte das raízes argentinas quanto a Espanha moderna que, ao buscar superar seus impasses, destacava-se nos vários domínios da cultura e da ciência (idem, p.355). Ao compará-la com a Inglaterra, a França e a Itália, países em que estivera antes de ingressar na Espanha, afirmava que era nesta em que de fato se sentia entre irmãos. O mesmo valia para Portugal, onde o espanto com a familiaridade do país levou-o a forjar o conceito de “Pani-

béria Atlântica” para definir o espaço que delimitava Espanha, Portugal, Brasil e América espanhola.³ Apesar da profusão de elogios, alertava que a necessidade de conhecer a Espanha autêntica não era para propô-la como modelo para a América, o que seria contrário à sua tese das nações como genuínos personagens históricos.

Considerações finais

As ideias dos intelectuais mencionados nem sempre coincidiam. Gálvez, que era profundo admirador do direito francês Maurice Barrès, possuía uma visão católico-conservadora que foi evoluindo em direção à extrema-direita nos anos seguintes. Filho de uma família tradicional da província de Santa Fé, era o mais nostálgico de uma Espanha rural que ele projetava como modelo ideal de sociedade. Estanislao Zeballos apresentava a visão de um homem que lidava com a diplomacia e que buscava encarar as relações hispano-argentinas em termos comerciais e geopolíticos. Julio V. Gonzalez e Ricardo Rojas, por sua vez, eram homens vinculados à universidade que admiravam a renovação intelectual espanhola e que com ela estabeleceram contatos acadêmicos e científicos que pudessem modernizar a educação argentina.

Em contrapartida, as posições dos quatro autores evidenciam a convergência em torno de algumas constantes. Todos pertenciam ao “*patriciado criollo*”. Eram provenientes do interior do país, descendentes de famílias tradicionais de ascendência espanhola estabelecidas na região havia décadas ou séculos, e nesse sentido a visão idealizada da vida rural e do passado pode ser interpretada como uma reação defensiva diante da nova configuração social, urbana

3 Declara haver-se deparado com um bairro de mesmo nome da capital argentina. Ao vincular este fato à nacionalidade portuguesa do piloto do navio de Don Pedro de Mendoza, fundador de Buenos Aires, propôs a tese, bastante plausível, de que o português tivesse sugerido o nome de batismo.

e econômica do país. Em todos encontramos a valorização dos povos latinos e, sobretudo, hispânicos, invertendo a visão difundida no final do século XIX, nos Estados Unidos e na Europa, sobre a inferioridade e a decadência dos povos latinos em relação aos anglo-saxões. Eram evidentes as imagens arielistas, que de resto já circulavam nos ambientes cultos antes mesmo da publicação do livro de José Enrique Rodó: o espírito bárbaro e primitivo passou a ser identificado com os Estados Unidos, e a civilização, o progresso, com a Hispano-América. Em outros termos, contrariando o prognóstico de Sarmiento e Alberdi, os hispano-americanos podiam alcançar o futuro sendo fiéis às suas raízes e a uma essência depositada no passado (Quijada, 1997, p.603).

A projeção de uma identidade em um certo ponto da história mediante a recuperação da tradição hispânica baseava-se em uma concepção cultural de nação que, longe de expressar uma peculiaridade argentina, representava uma tendência geral nos países ocidentais. No contexto dos conflitos imperialistas e da emergência da sociedade de massas, o problema da construção da nacionalidade tornou-se um assunto candente para a afirmação dos Estados na ordem internacional e para a manutenção da ordem interna. Nacionalizar equivalia a homogeneizar os diversos caracteres linguísticos e culturais das populações situadas dentro dos limites territoriais do Estado, e justamente por isso foi tão importante o concurso dos intelectuais, na medida em que eles dominavam como ninguém os símbolos a serem veiculados pela educação e pela cultura. No que concerne à Argentina, foram inventados mitos de origem que pouca ou nenhuma relevância conferiam ao legado indígena, mas que depositaram na Espanha os principais méritos pelas glórias do passado colonial. Invariavelmente a Espanha era exaltada por ter trazido a civilização europeia à América e o episódio do descobrimento era descrito como o mais extraordinário evento histórico já sucedido, graças à determinação de Colombo, ao gênio político dos reis espanhóis e à missão salvadora da religião católica. Graças à colonização espanhola, a Argentina era uma nação cujas tradições podiam orgulhosamente ser estendidas até a época grega e romana.

Somente Rojas se distinguia por sua preocupação em propor uma identidade mestiça em que a figura do indígena possuía um lugar digno junto ao espanhol. Essa identidade foi consagrada no livro *Euríndia*, nome de um mito criado pela Europa e pelas Índias, mas que já não pertencia nem a uma nem a outra, pois era o produto de ambas as civilizações.

A busca da integração social das massas estrangeiras, vistas como subversivas e hostis à nacionalização, constitui um dos fatores que explicam a preocupação com a reformulação da identidade nacional, segundo parâmetros que visavam fortalecer o sentido de ordem pública. Ao lado disso, a ênfase na herança hispânica assegurava a manutenção da posição dos setores dirigentes identificados com a tradição das famílias de linhagem mais antiga. Dessa forma, enquanto a defesa da identidade hispânica facilitou a integração dos imigrantes espanhóis à sociedade argentina, cabia aos demais imigrantes adaptar-se ao novo padrão emergente de *status* social que conferia maior valor à comunidade espanhola. No entanto, a valorização da tradição hispânica e a aproximação com a Espanha integravam um processo complexo que envolvia diversas dimensões. O posicionamento internacional da Argentina – bem como dos demais países hispano-americanos – em relação aos Estados Unidos teve um relevante papel no sentido de produzir uma reação política e cultural que se materializou na aproximação com a Espanha e na valorização das raízes hispânicas e latinas. Nesse sentido, contemporâneos como Ernesto Quesada vislumbraram a possibilidade de a Argentina angariar o reconhecimento dos países hispano-americanos como liderança nos embates contra os Estados Unidos (Terán, 2000, p.257). Mas, apesar disso, nem tudo o que era espanhol era bem-vindo na Argentina e nem todos os espanhóis rendiam culto às imagens idealizadas da Espanha. Por exemplo, os movimentos de trabalhadores socialistas e anarquistas, cujas fileiras contavam com uma enorme massa de espanhóis, tanto repudiavam tais idealizações como eram sistematicamente reprimidos pelas autoridades, chegando a ser expulsos do país. Ou seja, a defe-

sa da fraternidade hispânica pelos intelectuais argentinos implicava um conceito bastante conservador da ordem social.

Em termos da identidade nacional, entendemos que a defesa da herança hispânica fortaleceu o *criollismo*, movimento cultural que se iniciara anteriormente e que se desenvolveu nas primeiras décadas do século XX.⁴ O termo *criollo* encerrava múltiplos sentidos. Com um sentido positivo, designava as formas tradicionais da vida argentina vinculada à cultura rural dos pampas e aos seus habitantes, os gaúchos. Essa era a fórmula sintetizada no poema *Martin Fierro*, de José Hernandez, segundo a qual os *criollos* eram os descendentes de espanhóis e índios, em oposição à imigração recente. Outra acepção mais restrita de *criollo* fazia referência aos setores dirigentes de origem colonial e ascendência espanhola. Ainda que nem todas as famílias tradicionais fossem de linhagem puramente espanhola, o importante é que o termo remetia àquelas de elevada posição social. Nesse sentido, as posições hispanizantes aqui examinadas, longe de contraditarem o *criollismo*, contribuíram para seu revigoramento. A defesa do legado hispânico permitia retomar positivamente a tradição colonial vilipendiada pelos liberais, ao passo que a presença do imigrante espanhol na população servia para preservar a personalidade ibérica da nacionalidade diante do aluvião imigratório não hispânico.

Nem a visão da Espanha nem a identidade hispanizante proposta pelos autores aqui analisados foram unânimes, tendo encontrado diversos opositores na Argentina. Apesar disso, suas representações ganharam um notável terreno, pautando diversos âmbitos da vida política e cultural do país, mesmo à custa da exclusão de diversos segmentos sociais, dos recém-chegados até seus antigos habitantes.⁵

4 Nos amparamos na análise do *criollismo* desenvolvida por Arnd Shneider em *Immigrantes europeos y de otros origenes*. In QUIJADA, M. et al. *Homogeneidad y nación con un estudio de caso: Argentina, siglos XIX y XX*. Madrid: CSIC, 2000, p.141-78.

5 A exemplo de Gálvez, os integrantes da direita nacionalista argentina possuíam uma concepção hispanista que excluía os indígenas da concepção de nação.

Referências bibliográficas

- BERNABEU ALBERT, S. 1892: el IV Centenario del descubrimiento de América. Madrid: CSIC, 1987.
- BERTONI, L. A. Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas. *La construcción de la nacionalidad argentina a fines Del siglo XIX*. Buenos Aires: F.C.E., 2001, p.38-9.
- BIAGINI, H. *Intelectuales y políticos españoles a comienzos de la inmigración masiva*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1995.
- GÁLVEZ, M. *El solar de la raza*. 7.ed. Buenos Aires: Poblet, 1943.
- GONZÁLEZ, J. V. España y la Republica Argentina. In: *Politica Internacional*. Buenos Aires: L.J. Rosso, 1934, p.157-9.
- GONZÁLEZ, J. V. La España nueva. In: *Politica Internacional*. Buenos Aires: L.J. Rosso, 1934.
- MITRE, B. História de San Martin. Buenos Aires: Jackson, 1941, p.54-6. Apud MACARRO, J. M. La imagen de España en la Argentina. In: SÁNCHEZ MANTERO, R. et al. *La imagen de España en América (1898-1931)*. Sevilla: C.S.I.C., 1994, p.69.
- NIÑO, A. L'Expansion culturelle espagnole em Amerique Hispanique (1898-1936). *Relations Internationales*. Paris, C.N.R.S., n.50, 1987, p.203.
- QUIJADA, M. Latinos y anglosajones. El 98 em el fin de siglo sudamericano. *Hispania*. Madrid: CSIC, LVII/2, n.196, 1997, p.603.
- QUIJADA, M. et al. *Homogeneidad y nación con un estudio de caso: Argentina, siglos XIX y XX*. Madrid: CSIC, 2000.
- QUIJADA, M. Latinos y anglosajones. El 98 em el fin de siglo sudamericano. *Hispania*. Madrid: CSIC, LVII/2, n.196, 1997.
- RAMA, C. *Historia de las relaciones culturales entre España y la América Latina*. México: F.C.E., 1982.
- ROJAS, R. *La restauración nacionalista*. 3.ed. Buenos Aires: Peña Lillo, 1971, p.89.
- ROJAS, R. *Blasón de plata*. Buenos Aires: Hyspamérica, 1986, p.103-5.
- SÁENZ PEÑA, R. Por España. In: *Americanismo y democracia*. Buenos Aires: Grupo Editor Universitario, 2006.
- SAMPER, J. M. América y España. *La America-II*, 1858, apud VAN AKEN, M. *op. cit.*, p.77.
- SÁNCHEZ MANTERO, R. et al. *La imagen de España en América (1898-1931)*. Sevilla: C.S.I.C., 1994.
- SHUMWAY, N. *La invención de la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 1992.

- TERÁN, O. *Vida intelectual en el Buenos Aires fin-de-siglo (1880-1910). Derivas de la "cultura científica"*. Buenos Aires: F.C.E., 2000, p. 257.
- VAN AKEN, M. *Pan-hispanism. Its origin and development to 1866*. Berkeley: University of California Press, 1959.
- ZEBALLOS, E.. *Hispania. Revista de Derecho, Historia y Letras*. Año II, Tomo VI, 1900.